



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

AMANDA DA SILVA LEITE

“A QUADRA TAMBÉM É DELAS”:

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO FUTSAL DE SUMÉ - PB

SUMÉ - PB

2024

AMANDA DA SILVA LEITE

“A QUADRA TAMBÉM É DELAS”:

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO FUTSAL DE SUMÉ - PB

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

SUMÉ - PB

2024



L533q Leite, Amanda da Silva.

"A quadra também é delas": a participação das mulheres no futsal de Sumé-PB. / Amanda da Silva Leite. - 2024.

50 f.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Futsal feminino - Sumé-PB. 2. Mulheres e futebol. 3. Participação feminina - futsal. 4. Esportes e mulheres. 5. Resistência - futebol feminino. 6. Preconceito - futebol feminino. 7. Boca Junior Futsal Feminino - Sumé-PB. 8. Futebol feminino e sexualidade. I. Santos, Valdonilson Barbosa dos. II Título.

CDU: 796.332-055.2(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista

CRB-15/626

AMANDA DA SILVA LEITE

“A QUADRA TAMBÉM É DELAS”:

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO FUTSAL DE SUMÉ - PB

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.
Orientador - UACIS/CDSA/UFPG**

**Mestra Carla Mailde Feitosa Santa Cruz.
Examinadora I - UATEC/CDSA/UFPG**

**Professora Dra. Katia Ramos Silva.
Examinadora II - UACIS/CDSA/UFPG**

Trabalho aprovado em: 04 de novembro de 2024.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me guiado protegido e abençoado em todos os momentos desde do primeiro dia do curso até o final desse ciclo tão importante na minha vida acadêmica e também pessoal. Esse foi um ciclo de inesquecível cheios de aprendizados, ensinamentos, desafios, obstáculos momentos que ficaram guardados para sempre na minha memória.

Agradeço todos os professores e professoras por cada troca, ensinamentos conselhos valiosos, risadas, aprendizados, levarei todos comigo para onde for. Em especial agradeço ao meu orientador Valdonilson que sempre foi muito gentil atencioso, sempre aberto a ouvir todos os alunos e a por toda sua paciência, cuidado e respeito comigo durante todo processo de realização da pesquisa, sempre positivo e confiando em mim mesmo quando eu não confiava, a você toda minha gratidão e admiração, pelo o professor incrível mostrou ser, e pelo o ser humano excepcional que eis.

Agradeço também a todos meus amigos que conquistei nesse ciclo por cada momentos juntos de aprendizados e conhecimento e diversão, em especial um grande amigo que a faculdade de meu João Morais nossa amizade com certeza é para sempre obrigado por todo apoio, ajuda, e conselho.

Não poderia deixar de agradecer e falar a minha parceira e melhor amiga Dayanne de Melo Ribeiro sempre me apoiando incentivando e acreditando mais em me do que eu mesma, obrigado por tudo, você foi fundamental em toda essa caminhada, esse ciclo não seria tão especial e incrível se você não estivesse junto comigo, mesmo sem combinar o destino ou Deus se encarregou de fazer tudo e lá formos nós juntas viver novas aventuras e adquirir ainda mais conhecimento e assim foi vivemos muita coisa muitos momentos e todos eles fortaleceram ainda mais uma amizade que já entrou na faculdade forte e sairá mil vezes mais forte e única.

Por fim, agradeço as pessoas mais importantes da minha vida meus amores minha mãe Maria José Moreira da Silva meu pai Sandro Viana Leite e meu irmão Artur Da Silva Leite pois sem eles nada seria possível e eu não estaria aqui , sempre me apoiando e incentivando e acreditando do meu lado sempre em todos os momentos que sorte a minha ter vocês comigo.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral pesquisar a participação feminina no futsal feminino em Sumé-PB, Além disso, como objetivos específicos, busca-se-á identificar os principais desafios enfrentados pelas atletas e as iniciativas que têm sido implementadas para promover o crescimento e a inclusão; analisar o papel das políticas públicas e das ações comunitárias na melhoria das condições para as mulheres no esporte, destacando a importância de um suporte mais robusto para a realização do potencial pleno das atletas femininas Buscando isso vivenciando do dia a dia dos treinos das atletas nos treinos, ouvindo seus relatos e histórias com o futsal. Essa pesquisa procurou principalmente ouvi as mulheres que praticam o futsal em Sumé PB pois acredito que ninguém melhor do que elas para falar sobre melhorias, lutas, conquistas, mudanças. machismo preconceito e claro a importância de se manter resistente mesmo diante dos obstáculos impostas pela a sociedade

Palavras-chave: Futsal; Inclusão; Preconceito; Resistência

ABSTRACT

The general objective of this research is to investigate female participation in women's futsal in Sumé-PB. In addition, the specific objectives are to identify the main challenges faced by athletes and the initiatives that have been implemented to promote growth and inclusion; analyze the role of public policies and community actions in improving the conditions for women in sport, highlighting the importance of more robust support to realize the full potential of female athletes. This was done by experiencing the athletes' day-to-day training sessions, listening to their stories and histories with futsal. This research mainly sought to listen to the women who play futsal in Sumé, PB, because I believe that there is no one better than them to talk about improvements, struggles, achievements, changes, sexism, prejudice and, of course, the importance of remaining resilient even in the face of the obstacles imposed by society.

Keywords: Futsal; Inclusion; Preconception; Resistance

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONSTRUINDO O UNIVERSO DE PESQUISA E EXPLICANDO O PERCURSO METODOLÓGICO	13
2.1 Motivação para estudar o futebol feminino em Sumé	13
2.2 Escolhas do universo de pesquisa	15
2.3 Apontamentos sobre a aproximação com as mulheres pesquisadas.....	16
2.4 Principais técnicas de coletadas de dados utilizadas	16
2.5 Aspectos socioeconômicos do município de Sumé-PB.....	17
2.6 Modalidades esportivas na cidade de Sumé	18
2.7 Contextualizando o “Boca Júniors” e o “Independente”	18
2.7.1 <i>Primeiro título de futsal</i>	20
2.7.2 <i>Futebol society</i>	21
2.7.3 <i>Título mais importante da história do clube</i>	21
2.7.4 <i>Cores e símbolo</i>	22
2.7.5 <i>Mascote</i>	23
2.7.6 <i>Ginásios</i>	23
2.7 Rivalidades.....	25
2.7.1 <i>Independente</i>	25
2.8 Caracterizando as mulheres praticantes do futebol e futsal (10 do Independente e 10 Boca Júnior`s	28
3 O QUE DIZEM OS DADOS PESQUISADOS A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO FUTSAL NA CIDADE DE SUMÉ-PB.....	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERENCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco central discutir a presença da mulher no futsal e como elas percebem sua participação nessa modalidade na cidade de Sumé-PB. Os objetivos específicos da pesquisa incluem: observar o cotidiano das mulheres nos treinamentos de futsal no município de Sumé-PB; relatar as dinâmicas do futsal entre os gêneros feminino e masculino; e realizar um levantamento do número de mulheres envolvidas na prática do futsal nessa localidade.

O futsal, uma modalidade esportiva que combina habilidade técnica e estratégia em um formato de jogo rápido e dinâmico, tem conquistado crescente popularidade no Brasil. Embora o futsal masculino tenha uma longa tradição e visibilidade, o futsal feminino ainda enfrenta desafios significativos em termos de reconhecimento e apoio. Este cenário é particularmente evidente em cidades menores, onde as oportunidades e a visibilidade para as mulheres podem ser ainda mais limitadas.

Contudo, o futsal feminino tem ganhado cada vez mais visibilidade no cenário esportivo, apesar dos inúmeros desafios que ainda enfrenta, especialmente em cidades pequenas e regiões mais afastadas dos grandes centros. No município de Sumé, localizado no interior da Paraíba, o cenário do futsal feminino ainda é caracterizado pela falta de estrutura, apoio e oportunidades para as jogadoras. Em contraste com a modalidade masculina, que possui mais investimentos e espaço nas competições locais, as meninas de Sumé lutam diariamente para conquistar seu lugar nas quadras.

Diante desse contexto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo investigar a realidade do futsal feminino em Sumé-PB, compreendendo os principais desafios enfrentados pelas atletas e analisando o impacto da falta de visibilidade e apoio no desenvolvimento da modalidade. Além disso, busca-se identificar as oportunidades e possíveis soluções para a promoção do futsal feminino na cidade, tendo em vista a criação de um ambiente esportivo mais inclusivo e igualitário.

A escolha deste tema está pautada em dois motivos principais. O primeiro é afetivo e pessoal, pois o esporte sempre fez parte da minha vida, tanto na prática do futsal quanto no consumo de outras modalidades esportivas pela TV. Durante o tempo em que joguei futsal, observei comportamentos e situações desagradáveis

por parte dos homens em relação às mulheres, desde piadas desrespeitosas até ofensas verbais.

As oportunidades e o tratamento direcionados aos homens eram visivelmente mais favoráveis, enquanto as mulheres muitas vezes eram desvalorizadas, evidenciando o machismo presente em todos os âmbitos da vida feminina, inclusive no esporte, que, em sua maioria, é dominado pelos homens.

Mesmo sendo uma apaixonada por esporte, sempre soube da pouca valorização do futsal feminino em Sumé-PB. As meninas da cidade quase não tinham espaço para jogar, não haviam torneios e os times femininos eram, muitas vezes, deixados de lado.

A realização desta pesquisa é relevante, pois na cidade de Sumé PB existem poucos estudos que abordam esse tema. Seu desenvolvimento poderá auxiliar futuras pesquisas e pessoas interessadas em explorar ainda mais o assunto, além de contribuir para ampliar o conhecimento sobre a participação feminina no futsal e no esporte em geral.

O objetivo central desta pesquisa é analisar a imagem da mulher no esporte, com especial atenção ao futsal, uma modalidade predominantemente masculina. O futebol, em suas várias formas, é um espaço maioritariamente ocupado por homens, mas a presença feminina tem crescido, tanto no Brasil quanto no Cariri paraibano, como no caso da cidade de Sumé-PB, onde a pesquisa foi realizada.

Apesar do potencial e do entusiasmo local em torno do esporte, o futsal feminino em Sumé-PB enfrenta barreiras relacionadas a infraestrutura, visibilidade e apoio institucional. A promoção da igualdade e a criação de oportunidades para as mulheres no futsal não só podem impactar positivamente o desenvolvimento esportivo local, mas também contribuir para um movimento mais amplo de equidade de gênero no esporte.

Esse trabalho está composto por quatro seções: 1. introdução; 2. construção do universo de pesquisa e o percurso metodológico, com oito subseções: motivação para estudar o futsal feminino em Sumé PB, escolha do universo de pesquisa, aproximação com as mulheres entrevistadas, principais técnicas de coleta de dados utilizadas, aspectos socioeconômicos do município de Sumé, modalidades esportivas da cidade, contextualização dos dois times pesquisados, "Boca Júnior" e "Independente", e caracterização das mulheres que praticam futsal; 3. discussão dos dados levantados sobre a participação feminina no futsal em Sumé-PB, organizada em três subseções: uma descrição detalhada da participação das mulheres no futsal, uma análise científica sobre identidade de gênero, raça, classe e o conceito de interseccionalidade, e uma discussão científica acerca da participação feminina no futebol e futsal; e, por fim, 4. considerações finais.

Essas seções visam apresentar, de forma detalhada e aprofundada, como acontece a participação feminina no futsal de Sumé-PB. Metodologicamente falando, é abrir espaço para que as próprias mulheres compartilhem suas vivências, experiências e histórias dentro de um esporte historicamente dominado pelos homens.

Este trabalho tem como objetivo geral pesquisar a participação feminina no futsal feminino em Sumé-PB, Além disso, como objetivos específicos, buscar-se-á identificar os principais desafios enfrentados pelas atletas e as iniciativas que têm sido implementadas para promover o crescimento e a inclusão; analisar o papel das políticas públicas e das ações comunitárias na melhoria das condições para as mulheres no esporte, destacando a importância de um suporte mais robusto para a realização do potencial pleno das atletas femininas.

2 CONSTRUINDO O UNIVERSO DE PESQUISA E EXPLICANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Motivação para estudar o futebol feminino em Sumé

O esporte sempre esteve presente na minha vida, principalmente por influência do meu pai, que assistia a todo tipo de esporte, e eu sempre o acompanhava. Juntos, assistíamos a tênis, vôlei, futebol, futsal, basquete, entre outros. Foi assim que nasceu a minha paixão pelo esporte de forma geral.

Outra grande influência veio do meu tio, Josimar Guabiraba, mais conhecido na cidade de Sumé como "Potó". Ainda muito jovem, ele fundou com seus amigos um time chamado "Independente", que existe até hoje e é um dos mais conhecidos e populares da cidade de Sumé-PB. Isso fez com que o esporte se tornasse ainda mais presente na minha vida e na minha família.

Durante o ensino fundamental, na Escola Agrotécnica Deputado Evaldo Gonçalves de Queiroz, em Sumé-PB, participei ativamente dos jogos escolares, que aconteciam no campo, na quadra e até mesmo na areia. Foi nessa época que comecei a perceber as diferenças de tratamento, oportunidade, incentivo e motivação entre homens e mulheres no esporte. A ideia machista e preconceituosa de que *"futebol é coisa de homem"* sempre existiu, e infelizmente ainda persiste, limitando a participação e o reconhecimento das mulheres nessa modalidade.

A falta de incentivo e apoio muitas vezes provém não apenas de fontes externas, mas também do próprio núcleo familiar, que frequentemente critica e desvaloriza a presença das mulheres no esporte. Eu mesma já enfrentei preconceito, com "piadas" de mau gosto que, na maioria das vezes, eram tratadas como "brincadeiras" por membros da minha própria família. Esses comentários acabaram me afastando da prática esportiva, não do esporte em si. Ainda continuo acompanhando tanto o futebol feminino quanto o masculino.

Embora nunca tenha sido um sonho me tornar jogadora profissional, sempre encarei o futebol como um hobby e uma diversão. Quando praticava essa modalidade esportiva, ouvir comentários maldosos, como "mulher macho", me magoava profundamente e me levou a desistir de praticar o esporte.

Essa experiência me fez refletir sobre quantas meninas, que sonham em ser jogadoras reconhecidas e valorizadas no futebol, que acabam desistindo de seus sonhos por conta de críticas, xingamentos, ofensas, desmotivação e preconceito que enfrentam no cotidiano.

Como o meu foco é o futsal feminino em Sumé-PB vou me dedicar a falar mais a respeito dele. Sabemos que neste município o futsal feminino tem ganhado cada vez mais visibilidade, acompanhando um movimento crescente de valorização do esporte feminino em diversas regiões do país. Inicialmente impulsionado por iniciativas comunitárias e escolares, o futsal feminino no município vem se consolidando por meio de campeonatos locais e regionais, além da criação de clubes e escolinhas que incentivam a prática do esporte entre meninas e jovens. Esses projetos têm desempenhado um papel essencial não apenas no desenvolvimento esportivo, mas também na promoção da inclusão social e do empoderamento feminino.

Apesar do avanço, o futsal feminino em Sumé ainda enfrenta obstáculos consideráveis, como a falta de infraestrutura adequada, o escasso apoio institucional e a predominância de investimentos voltados para o futebol masculino. No entanto, mesmo com essas dificuldades, as atletas da cidade têm se destacado em competições estaduais e regionais, conquistando espaço e reconhecimento por sua dedicação e talento.

Dessa forma, o futsal feminino no município torna-se um campo de estudo relevante, pois reflete tanto os avanços quanto os desafios enfrentados pelo esporte feminino no interior da Paraíba. A análise desse contexto permite compreender as lutas por equidade no esporte e os esforços das mulheres para se afirmarem em um cenário predominantemente masculino.

Além disso, a escolha do tema se justifica pela crescente demanda por práticas esportivas que incluam e valorizem as mulheres no esporte, assim como pela importância de promover o empoderamento feminino por meio do futsal. Ao investigar a situação local, espera-se contribuir para a ampliação do debate sobre a equidade de gênero no esporte e para o desenvolvimento de iniciativas que possam transformar a realidade das jogadoras de futsal de Sumé, promovendo o esporte como um agente de inclusão social e transformação.

2.2 Escolhas do universo de pesquisa

A pesquisa foi realizada na cidade de Sumé-PB, no cariri paraibano. E visa se aprofundar na participação das mulheres no futsal nesta cidade, explorando as dificuldades e obstáculos, analisando suas vivências no cotidiano na prática do esporte.

Um dos principais motivos para essa pesquisa ser realizada no referido município é que sou residente nele, o que facilitou o maior contato direto com o público alvo da pesquisa: as atletas e treinadores envolvidos na prática do futsal.

A área do esporte é bastante ativa na cidade de Sumé. O município possui quadras de ginásios poliesportivos espalhadas pelos os bairros, incentivando a prática de esporte dos moradores e principalmente os jovens da cidade.

Contudo, se percebe mais a presença de homens nesses equipamentos poliesportivos. Isso se deve a mais investimentos, organização, oportunidades, torneios, campeonatos, premiações e calendários esportivos voltados para o gênero masculino. Tudo isso não se vê quando se trata das mulheres na prática do esporte, que muitas vezes tem que conseguir recursos próprios para participarem dos campeonatos e torneios que acontecem nas cidades vizinhas.

Os times femininos pesquisados são o *Independente* e o *Boca Junior*, que são os dois mais conhecidos na cidade de Sumé-PB. A equipe do *Boca Junior* possui 28 atletas e o *Independente* é formada por 35 atletas.

A escolha de abordar e focar no futsal feminino se deu por perceber que na cidade de Sumé não tinha muitos trabalhos voltado para essa área, mesmo estando cada dia mais crescendo a participação das mulheres no esporte de uma maneira geral, mas especialmente na modalidade de futsal.

2.3 Apontamentos sobre a aproximação com as mulheres pesquisadas

O esporte sempre esteve presente na minha vida, seja praticando ou assistindo a jogos. Por isso, ao escolher essa área de estudo, focando no futsal feminino, eu sabia que teria mais facilidade de aproximação com as mulheres, que são o foco central da pesquisa.

O objetivo é explorar a realidade do futsal feminino em Sumé-PB e investigar como essa modalidade esportiva pode se desenvolver e ganhar mais visibilidade, mais equidade de gênero e oferecendo oportunidades para as jovens da região.

Já tendo uma certa familiaridade e intimidade com as mulheres entrevistadas, o contato se tornou mais acessível, o que facilitou as conversas sobre suas histórias e experiências com o futsal. Estabelecer uma boa relação com o público-alvo, nesse caso, as jogadoras de futsal da cidade, foi essencial para obter dados mais profundos e detalhados.

Nossas conversas fluíam de maneira leve e descontraída, o que as deixava à vontade para compartilhar suas ideias, pensamentos, frustrações, lutas e histórias em um esporte que, majoritariamente, ainda é praticado por homens.

2.4 Principais técnicas de coletadas de dados utilizadas

A pesquisa tem um viés etnográfico, no qual a pesquisadora observou e interagiu com as participantes em seu ambiente real. O principal benefício da etnografia é a capacidade de fornecer uma representação detalhada e precisa dos comportamentos e atitudes do público-alvo. Utilizando a técnica de observação participante, o estudo pretende analisar o cotidiano, as dificuldades e os desafios

enfrentados pelas equipes femininas de dois times da cidade de Sumé PB: o *Boca Junior* e o *Independente*.

Para a realização da pesquisa também será utilizado como técnica de coleta de dados as redes sociais. Tanto para garimpar informações sobre os times de futsal femininos, como para estabelecer contato com as atletas dos times do Boca Junior e do independente, afim de enviar questionário com o objetivo de coletar informações para fazer um perfil das atletas estudadas.

As observações e análises serão feitas durante os treinos das equipes que acontecem em dois dias da semana; durante os jogos das equipes nos torneios e também em situações do cotidiano das duas equipes femininas de futsal. Desse modo, favorece a aproximação da realidade e a vivência das situações cotidianas.

2.5 Aspectos socioeconômicos do município de Sumé-PB

A cidade de Sumé, localizada no estado da Paraíba, no Nordeste do Brasil, é conhecida por seu clima semiárido e por fazer parte da microrregião do Cariri paraibano. De acordo com o Censo 2022 (IBGE), a população do município é de aproximadamente 17.000 habitantes. A população está distribuída quase igualmente entre homens e mulheres, aproximadamente 50,1% é do sexo feminino, enquanto 49,9% é do sexo masculino. Sua economia é baseada principalmente na agricultura, pecuária e comércio local.

Sumé-PB oferece diversas opções de educação, desde a educação básica até o ensino superior. Contando com escolas públicas e privadas que atendem a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Além de programas de alfabetização de jovens e adultos, que visa reduzir o índice de analfabetismo e promover a inclusão educacional.

No ensino superior, é sede de um campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que oferece cursos de graduação e pós-graduação. O campus é conhecido especialmente pela gama de cursos de graduação que vão desde a formação de professores (Licenciatura em Ciências Sociais, Licenciatura Interdisciplinar em Educação e Licenciatura em Educação Escolar Quilombola - ofertada via PARFOR), passando pelos curso de engenharias (Produção, Biossistemas e Biotecnologia) voltadas para a problematização do paradigma

da convivência com o semiárido, além de cursos tecnológicos voltados para o desenvolvimento regional (Agroecologia e Gestão Pública). Na oferta permanente da pós-graduação os cursos são: Mestrado Profissional em Rede Nacional em Ensino de Sociologia - Profsocio e o Mestrado Profissional em Rede Nacional em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos - ProfÁgua.

2.6 Modalidades esportivas na cidade de Sumé

O município tem uma variedade de atividades esportivas, muito popular entre seus habitantes. A cidade possui campos de futebol, quadras poliesportivas e academias que oferecem suporte para a prática de atividades físicas. Além do futebol, outros esportes como voleibol, basquete e futsal também são bastante populares. Sendo o futebol o esporte mais praticado, com diversos times amadores e torneios locais.

A cidade promove eventos esportivos e competições para incentivar a prática de esportes entre jovens e adultos. A prefeitura municipal possui programas de esporte e lazer, visando a melhoria da qualidade de vida e a integração social da comunidade. Estes programas incluem atividades ao ar livre, como caminhadas, corridas e ciclismo.

Como o futebol é, sem dúvida, o esporte mais popular entre os sumeenses, existem vários campos e quadras espalhados pela cidade. A cidade investe em infraestrutura e eventos esportivos para incentivar a participação de todos os seus habitantes. Referente ao futebol, existem ligas amadoras e campeonatos que reúnem equipes de diversos bairros e comunidades, promovendo a integração social e a prática do esporte.

2.7 Contextualizando o “Boca Júniors” e o “Independente”

A Associação Atlética Boca Junior's foi fundada em 1 de fevereiro de 1997. Suas cores principais são; azul amarelo e branco. Ginaldo Gonçalves Felix Junior é seu presidente e técnico. A agremiação participa das seguintes competições: Municipal, Copa Cariri, Torneios no cariri e Pernambuco.

Ilustração 1 – Escudo da Associação Atlética Boca Junior's



Fonte: Blog: <https://bocasume.blogspot.com/p/blog-page.html>

A criação do time foi uma ideia de Ginaldo Gonçalves Felix Junior, com o objetivo de oferecer lazer às crianças mais carentes e evitar os perigos das ruas e das drogas. Além desse propósito, a agremiação apoia o futebol feminino como forma de mitigar as desigualdades de gênero no universo esportivo. Inicialmente, o time só era formado por homens, isso muda em janeiro de 1998, quando foi criado o time feminino do Boca Junior's. Inicialmente, o time começou a treinar futebol no campinho de terra do colégio estadual da cidade de Sumé-PB. Isso acontecia após o treino do time masculino, o que pode revelar a prioridade do time masculino. A partir do mês de junho do mesmo ano, o time feminino conseguiu treinar na quadra do mesmo colégio.

Fotografia 1 - Um dos primeiros registros da equipe em sua formação inicial.



Fonte: Blog: <https://bocasume.blogspot.com/p/blog-page.html>

O primeiro título feminino aconteceu em 2000 quando a equipe foi convidada pela prefeitura municipal de Camalaú-PB para fazer um jogo de desafio contra a seleção da cidade anfitriã. A equipe feminina do Boca Júnior venceu pelo placar de 2 a 1 e conquistou seu primeiro título. A equipe treinava tanto no campo como também na quadra, mas essa primeira conquista foi no futebol de campo.

2.7.1 Primeiro título de futsal

A equipe feminina do Boca Júnior conseguiu conquistar um torneio início do campeonato sumeense em 2008 e em 2009, recebendo o troféu **Copa Rádio Cidade de Sumé**. A conquista foi contra o time do Olympic (devido a recusa do Independente em participar do evento). Esse ainda não seria um título de expressão no futsal.

Em 2008 a equipe participou de um grande torneio de futsal em Sumé, realizado na quadra do colégio estadual. O torneio contou com a participação de equipes de várias cidades da Paraíba e Pernambuco, e a equipe feminina do Boca Júnior conseguiu se sagrar campeã da Copa São Tomé de maneira invicta.

Nas semifinais dessa competição a equipe do Boca Júnior enfrentou seu maior rival: o Independente. Saindo vencedora com um placar de 2 a 1 de virada, eliminando o rival do torneio e se classificando para a grande final. Na final a equipe enfrentou a forte equipe de Gurjão-PB e venceu pelo placar de 2 a 0, sagrando-se campeã do Torneio. Conquistando seu primeiro título de futsal depois de 11 anos de atividade.

Fotografia 2 - Equipe campeã da Copa São Tomé



Fonte: Blog: <https://bocasume.blogspot.com/p/blog-page.html>

2.7.2 Futebol society

A equipe feminina do Boca Júnior praticava duas modalidades esportivas: o futsal e o futebol, society. O time é PENTACAMPEÃO jogando futebol Society. São 03 três títulos num torneio no Sítio Conceição, município de Sumé (2003, 2009 e 2010), um título num torneio do Sítio Riachão, município de Sumé (2009) e outro título num torneio em Amparo (2012).

Fotografia 3 - Equipe que conquistou o pentacampeonato em Amparo em 2012



Fonte: Blog: <https://bocasume.blogspot.com/p/blog-page.html>

2.7.3 Título mais importante da história do clube

A equipe acostumada a disputar campeonatos, copas e torneios em toda Paraíba e Pernambuco, conquistou o título mais importante da história em 2011, na II Copa Regional de Futsal Feminino, em Arcoverde-PE. Foram 7 jogos em dois dias, até se sagrar campeã. Na final, um jogo inesquecível para a equipe de futsal feminino do Boca Júnior, quando triunfou contra a equipe de Alagoas-AL pelo placar de 1 a 0, com gol de Ana Paula em um lançamento espetacular de Poliana.

Fotografia 4 – Título na II Copa Regional de Futsal Feminino
Arcoverde – PE 2011.



Fonte: Blog: <https://bocasume.blogspot.com/p/blog-page.html>

2.7.4 Cores e símbolo

Desde a fundação a agremiação tinha o mesmo símbolo, mas a partir de 2008 o presidente da equipe *Junior de Careca* o trocou, ficando igual ao do Boca Junior's da Argentina. Mesmo assim, é comum a equipe usar uniforme com o antigo símbolo.

Ilustração 2 – Primeiro símbolo da agremiação



Fonte: Blog: <https://bocasume.blogspot.com/p/blog-page.html>

2.7.5 Mascote

A partir do ano de 2010 a equipe passou a ter mascote, a ideia surgiu após a conquista do 4º título de futebol Society no Sítio Conceição (município de Sumé-PB). A premiação desse torneio foi um animal: um bode. A equipe, portanto, recebeu de prêmio um bode e também um troféu pelo título conquistado. O veículo que transportava as atletas era uma picape, diante da impossibilidade de transportar o bode na cabine do veículo, as atletas subiram para a caçamba da picape e viajaram junto com o animal. A partir desse episódio, foi feita uma eleição entre as atletas para escolher a mascote da equipe, e por unanimidade foi escolhido o Bode.

Ilustração 3 – Mascote do time



Fonte: Blog: <https://bocasume.blogspot.com/p/blog-page.html>

2.7.6 Ginásios

Os locais de treinos variam entre a quadra do Colégio Estadual de Sumé Professor José Gonçalves de Queiroz e no Ginásio de Esportes popularmente conhecido por "O Netão".

Fotografia 4 – Ginásio de Esportes “O Netão”



Fonte: Blog: <https://bocasume.blogspot.com/p/blog-page.html>

Fotografia 4 – Quadra do Colégio Estadual Professor José Gonçalves de Queiroz



Fonte: Blog: <https://bocasume.blogspot.com/p/blog-page.html>

2.7 Rivalidades

A equipe ao longo dos anos de história, além de títulos, conquistou alguns rivais, o mais importantes são: Prata, Monteiro, Gurjão e Independente. Claro que o maior rival é o Independente. Essa rivalidade começou desde do início da história dos dois times e permanece até os dias atuais.

2.7.1 Independente

Ilustração 4 – Escudo



Fonte: https://www.facebook.com/p/Independente-Sum%C3%A9-100070072624836/?locale=eu_ES

O time do Independente surgiu no ano de 1994 na cidade de Sumé, no cariri paraibano, mais precisamente na rua Severino Simões, no bairro do Alto Alegre. O fundador da agremiação foi Josimar Guabiraba da Silva, mais conhecido por "Potó", que junto com um grupo de amigos montou um time na rua citada e que residiam.

Desde criança, "Potó" jogava bola nas ruas de terra batida e nos campinhos improvisados. O apelido "Potó" vem de sua agilidade: ele corria rápido e escapava dos marcadores. Com o tempo, ele percebeu que seu amor pelo futebol não se resumia apenas a jogar, mas também a ensinar.

Com isso começaram a marcar jogos com equipes de outros bairros da cidade. Esse fator possibilitou que o Independente crescesse a cada dia. Uma dificuldade na época era a falta de condições financeiras para comprar os produtos necessários:

bolas de futebol, uniformes, etc. Essa limitação financeira fez com que ele utilizassem "bolas de leite", que são extremamente frágeis para praticar a prática do futebol. Sabe-se que as bolas de couro são as mais adequadas para jogar futebol, mas em razão do preço era difícil usar esse equipamento.

No ano de 1995 surgiu o Independente feminino, a ideia de se formar um time feminino veio enquanto assistia a uma partida de futebol entre meninos do bairro, Potó viu um grupo de meninas na beira do campo, entusiasmadas, mas sem coragem de pedir para jogar. Algo despertou nele. *"Por que não criar um espaço onde essas meninas pudessem jogar, aprender e se desenvolver no esporte que ele tanto amava?"*

Foi então que ele decidiu fundar o time feminino do Independente de Sumé, na época era o único time que tinha uma equipe formada por mulheres. *"Futebol não é para mulher"*, diziam alguns, presos a velhas ideias. Mas Potó, como um amante do futebol, determinou-se a criar um time feminino e adquiriu bolas, coletes e montou um time feminino num campo improvisado.

Durante as primeiras aulas as meninas chegavam tímidas, com chuteiras velhas e muita vontade de aprender. Entre elas estavam Maria, uma zagueira forte e determinada, e Raquel, uma atacante rápida como o vento. Cada treino era um desafio, mas também uma descoberta. Potó ensinava não só as táticas e técnicas do futebol, mas também a importância do trabalho em equipe, do respeito e da confiança.

Com o passar do tempo, o time feminino do Independente foi ganhando fama. As meninas começaram a participar de torneios na região, sempre com muito orgulho de representarem o cariri paraibano. Aos poucos, Potó percebeu que sua iniciativa ia muito além do futebol. Ele estava mudando vidas, dando voz e vez a garotas que antes não tinham espaço para mostrar seu talento.

Como muitas equipes femininas no Brasil, o Independente Feminino enfrenta dificuldades financeiras e estruturais. A falta de patrocínios, investimento da modalidade, calendário esportivo voltado para equipes feminina, de materiais adequados para treinamento e até de campos de qualidade, são obstáculos constantes. No entanto, o comprometimento da equipe e o apoio da comunidade local têm sido fundamentais para manter o time ativo.

Fotografia 5 – Um dos primeiros time feminino do Independente.



Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 6 – Time feminino de futsal independente



Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 7 – Campeonato de futsal feminino



Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 8 – Independente campeão do campeonato feminino



Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 8 – Treino do Independente Feminino



Fonte: Arquivo pessoal

2.8 Caracterizando as mulheres praticantes do futebol e futsal (10 do Independente e 10 Boca Júnior's

Realizando visitas diariamente nos treinos das meninas tanto do Boca junior's como também do Independente pude me aproximar mais do cotidiano delas, das

suas histórias no meio do esporte, das suas diferentes realidades e dados sobre o perfil delas.

Maria¹ é atleta da equipe do Independente, tem 25 anos, de cor negra, possui o ensino médio completo, estado civil solteira (namorando), não tem filhos, atualmente esta desempregada, sua religião é católica e pratica o futsal a mais de 5 anos.

Durante uma das nossas conversas ela me falou sobre o preconceito que já sofreu e ainda sofre por praticar o futsal. Ela conta que hoje em dia já aprendeu a lidar melhor com determinadas situações de preconceito que infelizmente acontece e não fica mais muito abalada.

Porém, Maria me contou um episódio que marcou muita ela e a fez questionar se deveria continuar praticando o futsal. Aconteceu durante um torneio local, enquanto se aquecia para sua partida, alguns meninos zombaram dela. Eles disseram que "futsal era coisa de menino" e que ela deveria se preocupar com atividades "mais adequadas para meninas". Esses comentários a deixaram muito triste e com raiva e a fizeram chorar muito.

Depois de me relatar esse episódio, fez a seguinte reflexão e questionamento: *“imagina quantas meninas ouvem comentários iguais a esses todos os dias e muitas acabam desistindo do seu sonho”*.

Essa reflexão que Maria fez, me despertou outro ponto importante que foi pensar em como muitas vezes não temos noção do peso das nossas palavras e como ela tem o poder tanto de levantar outra pessoa como também de derrubar. E muitos de nós, muitas vezes, não temos o cuidado de fazer algo que parece simples: pensar antes de falar.

Esses meninos fizeram esses comentários maldosos, não imaginaram que fossem afetar tanto ela e classificaram o episódio como “brincadeira” e isso na maioria das vezes nem é culpa deles, mas sim do machismo que impera dentro da nossa sociedade onde as mulheres são colocadas em bolhas para serem ou fazerem apenas determinadas atividades e excluindo-as de tantas outras que elas teriam capacidades iguais ou até superiores em relação a muitos homens.

¹ Seguindo os critérios éticos de uma pesquisa social envolvendo pessoas, utilizarei nomes fictícios para preservar a identidade pessoal de todas as mulheres pesquisadas.

Existe uma frase que acredito que faz todo sentido usar agora: “Ninguém nasce sendo preconceituoso e sim são ensinados a ser”. Acredito que foi exatamente isso que aconteceu com os meninos que proferiram aqueles comentários maldosos para Maria, alguém ensinou a eles que no futebol não era lugar de meninas e eles “apenas” reproduziram, não existe aquele pensamento que as crianças apreendem através de exemplo, essa situação reforça ainda mais que esse pensamento é a mais pura verdade.

Outra conversa que tive foi com a atleta Bruna. Ela tem 27 anos de idade, é da equipe do Boca Junior's, é solteira, não tem filhos, tem o ensino médio completo, trabalha em uma loja da cidade de Sumé-PB, frequenta a igreja católica, pratica futsal desde dos seus 15 anos de idade. Durante nossa conversa ela me contou um pouco da sua história com o futsal, sua paixão pelo esporte.

Ser jogadora do Boca Junior Feminino aqui em Sumé é um orgulho para mim. Desde pequena, sempre sonhei em jogar futsal, mas as oportunidades para meninas eram poucas. Quando soube que o Boca estava formando um time feminino, vi ali uma chance de seguir meu sonho. A equipe começou pequena, com pouca visibilidade e dificuldades de recursos, mas nosso amor pelo esporte sempre foi maior que qualquer desafio. Nós, jogadores, criamos um laço forte, quase uma família. Treinamos com garra, superamos preconceitos e mostramos que as mulheres também podem fazer parte desse universo do futsal. Para mim, o futsal vai além de uma competição simples: ele me deu força, disciplina e me ensinou a importância do trabalho em equipe. Quando entro em quadra, sinto que estou representando não só meu tempo, mas todas as mulheres de Sumé que, como eu, batalham. Claro que não é fácil. Às vezes, falta apoio, estrutura ou patrocínio. Mas a cada vitória, seja dentro ou fora de quadra, sentimos que estamos quebrando barreiras. O Boca Junior Feminino é mais do que um time: é uma prova viva de que, com esforço e determinação, reconhecimento valorização e oportunidades as mulheres podem conquistar seu lugar no esporte, mesmo em cidades menores como é o caso de Sumé PB.

Outro relato que me marcou foi da Ana, atleta do Independente, de 26 anos, solteira, homossexual, não tem filhos, trabalha como autônoma, sua religião é a católica e pratica futsal a mais de 5 anos. Ela relatou sua paixão por esportes, sua história com o futsal e também o preconceito pela sua orientação sexual.

Sou jogadora do time de futsal Independente, aqui em Sumé. Desde pequena, o futsal sempre fez parte da minha vida. Cresci jogando nas ruas, com os meninos da vizinhança, e logo percebi que o esporte era onde eu me sentia mais viva. A quadra é o lugar onde sou realmente eu mesmo, onde esqueço a pressão e as expectativas

do mundo lá. Mas, como mulher e homossexual, nem sempre foi fácil. Em uma cidade pequena como Sumé, todo mundo conhece a vida de todo mundo, e a minha orientação sexual sempre gerou olhares e comentários. Quando comecei a me assumir, confesso que fiquei com medo de como isso poderia afetar meu espaço no esporte. O futsal, por muito tempo, foi visto como um ambiente predominantemente masculino, e eu sabia que, além de ser mulher, minha sexualidade seria mais um motivo para questionamentos e preconceito. O Time do Independente foi fundamental nessa jornada. As meninas me acolheram com respeito e me fizeram sentir parte de algo maior. No campo, somos uma família. Ninguém se importa com quem você ama, e sim com o quanto você se dedica, luta e vibra pelo time. O apoio deles foi crucial para eu me sentir segura e confiante. Hoje, quando entro em quadra, sei que não estou representando não só meu time, mas também tantas outras meninas que, como eu, enfrentaram preconceito por quem são. Sinto orgulho de ser uma jogadora de futsal, e ainda mais orgulho de ser uma mulher que luta pelo seu espaço. Mais do que competir, quero mostrar que o esporte é para todos, independentemente de gênero ou orientação sexual. Espero que, no futuro, o futsal feminino seja visto com o valor que merece, e que mais meninas possam jogar sem medo de serem quem são. Eu acredito que o esporte pode quebrar barreiras, mudar atitudes e abrir portas para realização de sonhos e mudar a realidade de muitos. No fim das contas o objetivo vai além de ganhar jogos. Quero que cada vez mais meninas de Sumé, e de todos os lugares, sintam que a quadra também é delas. Que ninguém precisa se esconder ou se diminuir para jogar o esporte que ama.

Com as minhas visitas nos treinos das meninas tanto do BocaJunior's como do independente percebi que a maioria das meninas são jovens entre 18 e 28 anos a maioria delas tem o ensino médio completo, são da religião católica, trabalham nas mais diferentes áreas desde autônoma, comerciante, profissional de educação física estudante, entre outros.

Quando falamos sobre o futsal e as mudanças que elas desejavam que acontecesse no futsal feminino na cidade de Sumé PB para que a modalidade se desenvolva mais, a resposta de todas foi praticamente a mesma: mais tempo de treinos, equipamentos e instrumentos necessários para a prática do esporte, realização de torneios e competições femininas na cidade, patrocínios e premiações iguais aos homens e políticas públicas voltada para o futsal feminino.

Com isso podemos pensar como é importante a valorização tanto do futsal masculino como também do feminino, não só na cidade de Sumé PB mas em todo o país, e como o futsal pode ser um espaço de transformação pessoal e social de homens e mulheres, transformando vidas, destruindo preconceitos, quebrando padrões e mudando realidades.

Ao apoiar o futsal feminino, Sumé-PB abriria portas para que meninas e mulheres desenvolvam habilidades como trabalho em equipe, disciplina e liderança, ampliando suas perspectivas pessoais e profissionais. Além disso, a prática esportiva regular contribui para o bem-estar físico e emocional, promovendo a saúde e melhorando a qualidade de vida das mulheres.

A valorização e o destaque do futsal feminino em Sumé-PB, são fundamentais para promover a igualdade de gênero e fortalecer a cultura esportiva local. O futsal é uma modalidade extremamente popular no Brasil, e incentivar a participação feminina nesse esporte vai além da prática esportiva em si, é um movimento em prol da inclusão e do empoderamento das inúmeras mulheres que praticam o futsal.

Destacar o futsal feminino também inspira novas gerações de atletas, criando modelos e referências que incentivam a participação de mais meninas no esporte. Isso fortalece a comunidade e constrói uma identidade esportiva local mais inclusiva e igualitária.

A promoção de competições e eventos relacionados ao futsal feminino pode ainda atrair investimentos e fomentar a economia local, colocando Sumé no mapa de cidades que valorizam a diversidade e apoia suas atletas.

O futsal é um esporte popular no Brasil, e promover a prática feminina dessa modalidade em Sumé fortalece a identidade esportiva da cidade. Quando há apoio e destaque para o futsal feminino, a cidade se torna um exemplo de progresso e inovação, influenciando outras comunidades a seguirem o mesmo caminho.

Ao quebrar estereótipos de gênero e dar espaço para o protagonismo feminino no esporte, Sumé contribuiria diretamente para a construção de uma sociedade mais justa.

Infelizmente o preconceito contra mulheres que praticam esportes tradicionalmente associados aos homens, como o futsal, é uma realidade em várias partes do Brasil, inclusive em cidades menores como Sumé-PB. Não há um registro oficial ou relatos específicos documentados de meninas de Sumé que sofreram preconceito diretamente relacionado ao futsal, mas a experiência de quem enfrenta essas situações em comunidades do interior pode incluir episódios como: estigmatização de gênero: muitas meninas relatam que são desencorajadas a praticar o futsal porque "não é coisa de menina". Essa noção de que certos esportes são exclusivamente masculinos ainda persiste, especialmente em ambientes mais

tradicionais.

Diante de tudo isso, vou apresentar abaixo alguns relatos de meninas/mulheres que praticam o futsal na cidade de Sumé-PB, relatos esses que aconteceram durante minhas visitas aos treinamentos das duas equipes pesquisadas.

Larissa, 23 anos, atleta do time do Boca Júnior's:

Quando entrei para o time de futsal feminino da escola, descobri que seria tudo sobre o esporte. Mas logo percebi que ser jogadora em uma cidade pequena como Sumé também significa enfrentar muitos olhares tortos. Já ouvi de familiares que futsal 'não é coisa de mulher' e que eu deveria estar fazendo algo mais delicado. O pior foi quando, durante um campeonato, uma torcida inteira começou a gritar que 'menina não sabe jogar' e que devíamos 'voltar para casa' naquele momento, senti um aperto no peito, mas continuei jogando hoje, sei que somos fortes e que, mesmo com todos esses desafios, estamos mudando essa realidade, um gol de cada vez.

No comentário de Larissa, nota-se que o preconceito não veio apenas dos colegas de escola, mas também dos familiares, que esperavam que ela seguisse atividades mais "delicadas". Essa visão tradicional de que o futsal é um esporte inadequado para meninas, seja por questões de força física ou estereótipos de gênero, é algo que ainda perdura em muitas cidades do interior, como Sumé PB. A insistência em associar o esporte ao gênero masculino acaba por desmotivar muitas meninas, que acabam desistindo antes mesmo de tentarem. No entanto, Larissa, assim como muitas outras jovens, resistiu e encontrou no futsal uma forma de se afirmar e lutar.

Bianca, 25 anos, atleta do Independente:

No meu bairro, sempre brinquei de futebol com os meninos, mas quando quis jogar futsal de forma mais séria, senti que o preconceito ficou mais forte. Na escola, eu joguei com o time dos meninos porque não havia time feminino. Era comum escutar comentários como 'mulher não sabe jogar' ou 'vai acabar se machucando' Pior era quando me diziam que eu estava jogando só para chamar a atenção dos meninos. futsal falou mais alto. Hoje, jogo no time feminino do Boca Júnior's em Sumé, e cada jogo é uma forma de enfrentar esses preconceitos e mostrar que somos tão competentes quanto qualquer outro atleta.

Já Bianca, traz uma dimensão ainda mais intensa da discriminação, ao relatar

o preconceito que se manifesta durante as competições, onde as torcidas muitas vezes são cruéis. Gritos e insultos machistas, que tentam desvalorizar a presença feminina no futsal, podem destruir a confiança de uma atleta. Ser alvo de palavras depreciativas é doloroso, mas Bianca, como tantas outras meninas, encontrou na resistência a sua força. Ao não ceder à pressão do preconceito, ela transformou cada jogo em uma forma de provar que seu lugar é, sim, nas quadras. A cada partida, ela e suas companheiras de time mostram que o talento, a dedicação e o amor pelo esporte não têm gênero, e que essas barreiras impostas pelas vozes do preconceito.

Carol, 24 anos, atleta do Boca Junior's:

Desde que comecei a jogar futsal na escola, já percebi que não seria fácil. No início, os meninos sempre fizeram piada, dizendo que menina não sabia jogar e que eu deveria ir fazer dança ou outro esporte 'de menina'. Lembro de um dia em que estávamos jogando na quadra pública, e um grupo de meninos chegou e simplesmente tirou a gente do jogo, dizendo que a quadra era 'para quem jogava de verdade fiquei com raiva mas ao mesmo tempo me deu ainda mais vontade de continuar. Hoje, jogo no time feminino da cidade, mas sei que ainda tem gente que acha que mulher no futsal não tem vez. Eu continuo jogando para mostrar que lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive na quadra.

No relato de Carol, há o compartilhamento da experiência de ser retirada de uma quadra pública por meninos que não acreditavam que ela, como mulher, deveria estar ali. Esse episódio, embora doloroso, reflete uma realidade vivida por muitas meninas: o espaço esportivo, especialmente o futebol e o futsal, ainda é visto como "território masculino". A resistência dessas jogadoras em continuar, mesmo diante de atitudes humilhantes, é um exemplo claro de como o preconceito pode ser enfrentado com determinação, mas também ilustra a persistência de barreiras sociais que limitam a participação das mulheres no esporte.

Erica, 27 anos, atleta do Independente:

Quando comecei a jogar futsal, aos 13 anos, nunca imaginei que seria tão difícil. No início, meus pais apoiaram, mas depois descobriram que eu estava "virando moleque" por causa do esporte. Sempre me diziam que deveria fazer ballet ou dança, algo mais "delicado". Na escola, sofri bullying por jogar com os meninos, que diziam que eu só jogava porque queria chamar atenção, mas eu sou uma das melhores jogadoras do time do Independente feminino e me orgulho disso.

Jacqueline, 26 anos, atleta do Independente:

Quando entrei no time de futsal da escola, meus colegas chegaram a fazer piadas maldosas. Diziam que eu só estava jogando porque queria provar algo para os meninos, e não porque gostava do esporte. Alguns chegaram a dizer que menina que joga futsal é "estranha" ou que nunca vai arranjar namorado. Foi muito difícil no começo, principalmente porque até minhas amigas se afastaram. Mas com o tempo, encontrei outras meninas que, assim como eu, amam o esporte e estão dispostas a enfrentar esse preconceito. Hoje, nosso time é respeitado na cidade e mostramos que a mulher pode, sim, jogar futsal e ser boa nisso.

Paula, 25 anos, atleta do Independente:

"Desde pequena, sempre gostei de jogar bola com meus primos. No começo, todo mundo ficou fofo, mas conforme fui crescendo, comecei a ouvir comentários de que futebol não era coisa de menina. Quando entrei no time de futsal da escola, muitas pessoas riam e diziam que eu estava perdendo tempo. Até mesmo minha mãe falou que eu deveria parar de jogar e focar em "coisas de menina". , principalmente de meninos da escola, que diziam que eu ia ficar "masculinizado" ou que nunca ia conseguir jogar de verdade, porque futebol é "coisa de homem". profissionalmente e mostrar que lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive nas quadras."

Mariana, 28 anos, atleta do Independente:

Sempre joguei futsal com as meninas da minha rua, mas quando fui tentar entrar em um time mais sério, enfrentei muitos olhares tortos. O treinador não acreditava muito que as meninas pudessem levar o jogo a sério, então sempre dávamos menos tempo de quadra que os meninos. Já ouvi várias vezes que as meninas "não sabem jogar", que a gente nunca vai ser "boa de bola" como os garotos. Mesmo assim, não desisti de jogar porque amo o esporte, mas é triste perceber o. O preconceito existe até entre quem deveria estar nos apoiando

Esses relatos refletem uma realidade enfrentada por tantas jovens que buscam seu espaço no futsal feminino. Em uma sociedade ainda marcada por preconceitos de gênero, essas jogadoras lidam com desafios que vão além das dificuldades técnicas do esporte eles enfrentam diariamente a desvalorização, a discriminação eo estigma simplesmente por escolherem um caminho que

historicamente foi associado aos homens.

Esses relatos não são apenas histórias individuais; eles representam uma luta coletiva que vai muito além das quadras de Sumé PB. O preconceito que essas mulheres enfrentam é um reflexo de uma desigualdade estrutural que permeia o esporte em todo o Brasil. Embora os times masculinos frequentemente recebam mais apoio, visibilidade e recursos, as meninas que jogam futsal são muitas vezes marginalizadas, recebendo menos incentivos e enfrentando barreiras e obstáculos.

O futsal feminino em Sumé-PB ainda tem um longo caminho a percorrer para alcançar o mesmo nível de tratamento e respeito que o masculino, mas os esforços dessas jogadoras, mesmo em meio às adversidades, são fundamentais para essa transformação. A resistência dessas mulheres atletas são um lembrete de que o esporte pode ser um poderoso agente de mudança social. Elas estão jogando por muito mais que uma vitória em quadra – estão jogando por reconhecimento, igualdade e pela quebra dos preconceitos que ainda persistem.

Os relatos dessas mulheres são testemunhos poderosos de resiliência e superação. Suas histórias evidenciaram a força das mulheres no esporte e a importância da luta contra as desigualdades de gênero. Ao continuar praticando futsal, mesmo diante de críticas e preconceitos, elas não estão apenas jogando um esporte, elas estão desafiando normas sociais e construindo um futuro mais inclusivo para todas as meninas que vêm depois delas. Cada jogo que elas disputam é uma vitória na luta por igualdade

3 O QUE DIZEM OS DADOS PESQUISADOS A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO FUTSAL NA CIDADE DE SUMÉ-PB

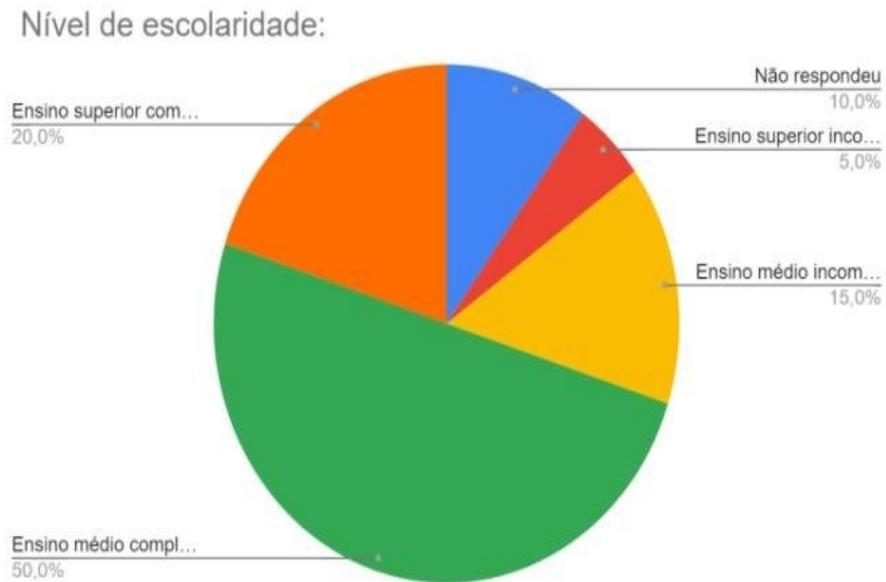
Historicamente, no Brasil, algumas modalidades esportivas são associadas aos gêneros e quando acontece a inserção de um do gênero que não corresponde socialmente ao que está prescrito tacitamente, gera uma grande resistência em aceitar, respeitar e valorizar a presença desse outro gênero, como é o caso das mulheres no futebol e no futsal, por ser ainda esportes associados ao gênero masculino.

Foram realizadas visitas nos treinos das meninas, com o objetivo de presenciar mais de perto como acontece, as relações sociais que existem entre elas, a vivência do cotidiano, comportamentos, opiniões, histórias, sonhos objetivos, obstáculos e dificuldades que as atletas enfrentam. O treino tem a participação efetiva do treinador sempre orientando e incentivando as atletas, é dividido em duas partes onde na primeira parte o treino é feito com as atletas novatas, já outra parte com as atletas mais experiente.

Com objetivo de conhecer mais profundamente e entender melhor a história das atletas com o futsal foi aplicado um questionário, feito no google forms, para as atletas dos dois principais times de futsal feminino na cidade de Sumé- PB.

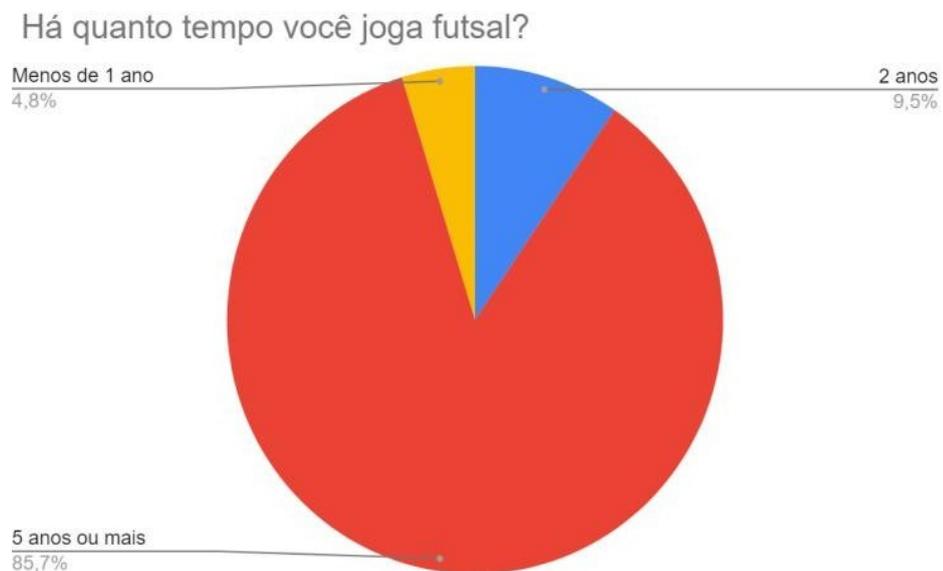
O questionário obteve 21 respostas no total, com essas respostas podem analisar melhor a história delas com o futsal.

A idade das meninas que responderam o questionário está entre 13 e 40 anos, e o grau de escolaridade da maioria das atletas é o ensino médio completo como pode ser visto a seguir:

Gráfico 1 – Nível de escolaridade

Fonte: Dados da própria pesquisa, 2024.

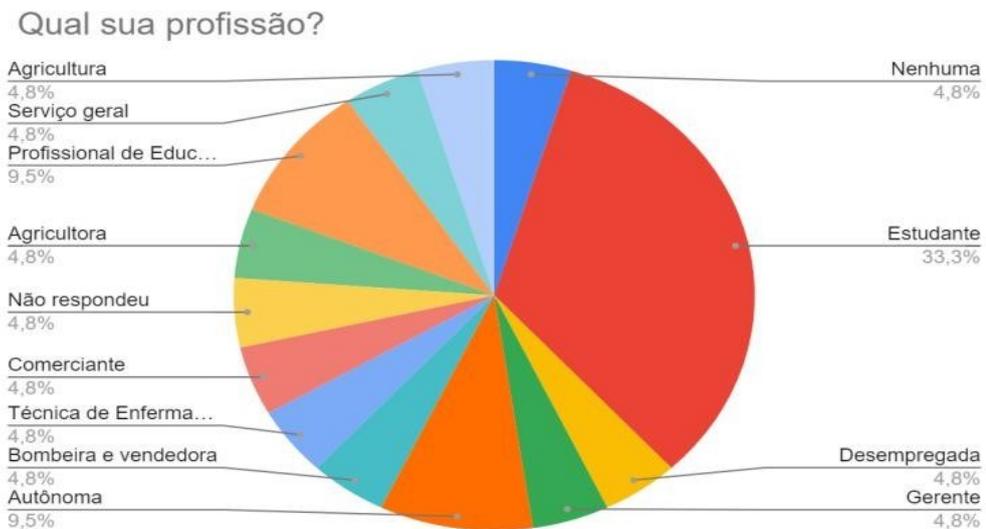
já em relação ao tempo que cada uma pratica o futsal, a maioria respondeu já pratica o esporte a 5 anos, ou seja, já tem uma certa história na modalidade, como pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Há quanto tempo você joga futsal

Fonte: Dados da própria pesquisa, 2024.

Vejam que a grande maioria se dedica a mais de cinco anos a prática do futsal. Essa dedicação é conciliada com o trabalho, o que indica que a prática do futsal parece, mais como passa tempo ou pelo amor ao esporte. Vejamos abaixo a profissão delas:

Gráfico 3 – Qual a sua profissão

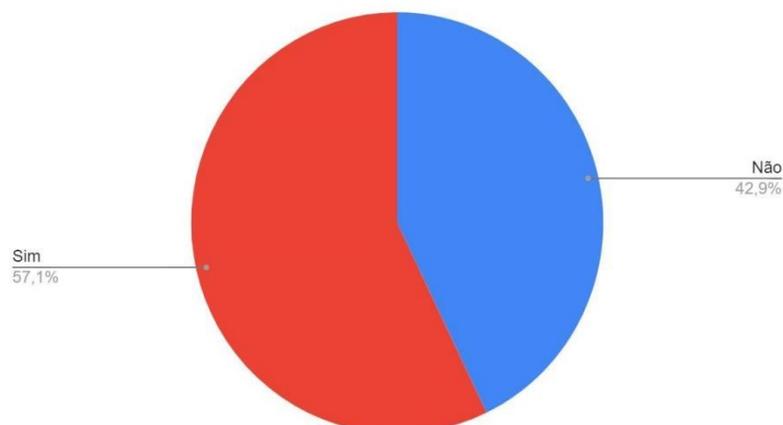


Fonte: Dados da própria pesquisa, 2024.

Quando foi perguntado se elas já sofreram preconceito por praticar o futsal, obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 4 – Já sofreu preconceito por praticar futsal?

Já sofreu preconceito por praticar futsal?

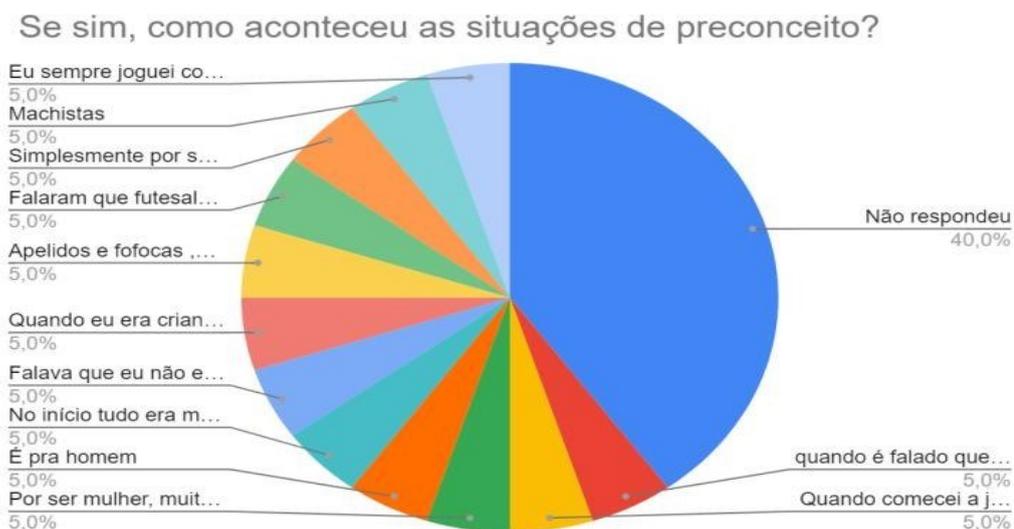


Fonte: Dados da própria pesquisa, 2024.

Mesmo com todo o aumento significativo das mulheres no mundo do futebol, a maioria das respostas indicou que as atletas sofreram preconceito social por ser praticante do futsal, sendo comum a afirmação de que essa modalidade é algo mais voltado para os homens.

Por outro lado, quando a pergunta foi para elas relatarem como as situações de preconceito acontecem a maioria das mulheres optou por não responder, como podemos ver no gráfico abaixo:

Gráfico 5 – Se sim, como aconteceu as situações de preconceito



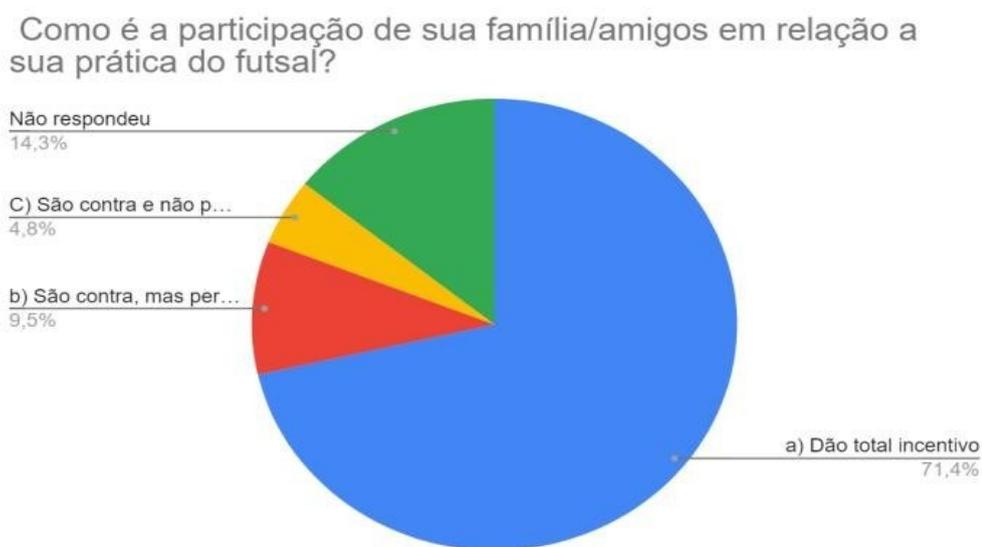
Fonte: Dados da própria pesquisa, 2024.

Através desse gráfico podemos perceber que as mulheres não se sintam confortáveis ou a vontade para relatar essas situações, já que quando a pergunta foi se elas já sofreram preconceito a resposta foi em sua maioria sim.

Isso nos faz pensar em como muitas mulheres acabam escolhendo o silêncio ao invés de falar muitas vezes por medo insegurança, falta de apoio, e isso acontece nas mais diferentes formas de violência ou preconceito que as mulheres sofrem e não é diferente no esporte.

Pensando na prática do futsal masculino e feminino sabemos que tanto um como o outro fazem exatamente a mesma coisa, existem: goleiros (as), jogadores(as) treinadores, treinos, horários, campeonatos, tem as mesmas regras, o mesmo tipo de bola, amizade entre as equipes, companheirismo, coletivo, individualismo, brigas, etc. Enfim, se tanto o masculino e o feminino fazem a mesma coisa, por que a presença desse preconceito? Podemos ir buscar respostas nas matrizes de gênero que classificam/dividem o mundo social.

Gráfico 6 – Como é a participação de sua família/amigos em relação à sua prática de futsal



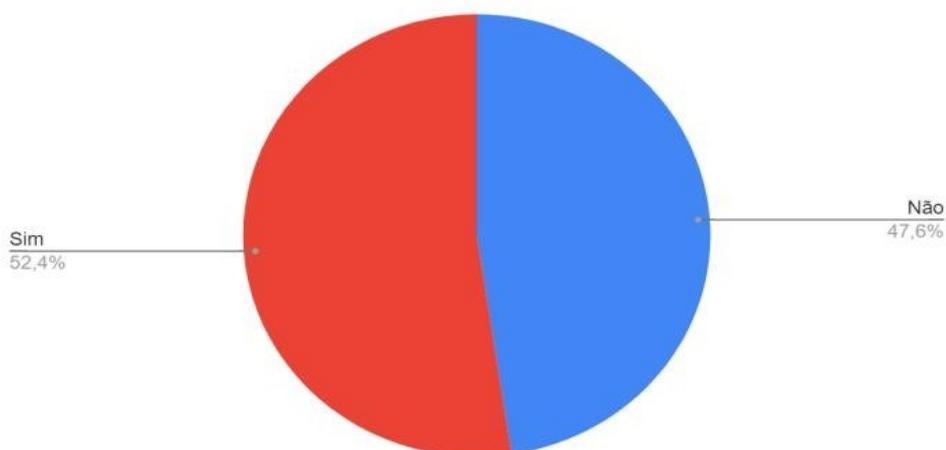
Fonte: Dados da própria pesquisa, 2024.

Mesmo diante do preconceito a maioria indica que recebem o incentivo dos familiares e uma pequena parcela se posicionam contrária a participação feminina

no futsal local. Através das conversas e observações no dia a dia das atletas praticantes do futsal dectetamos que elas são vítimas diárias de piadas, comentários maldosos e desvalorização da sua imagem. No entanto, quando perguntadas sobre a sexualidade delas, uma parte razoável das atletas indicou que não ouviu nada a respeito, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 7 – Já ouviu algum comentário sobre sua sexualidade por ser atleta de futsal? Se sim, qual?

Já ouviu com algum comentário sobre sua sexualidade por ser atleta de futsal? Se sim, qual?



Fonte: Dados da própria pesquisa, 2024.

Mas se compilarmos melhor os dados do gráfico, juntando respostas semelhantes, veremos que um percentual razoável indicou que os preconceitos envolvem a sexualidade, atribuindo a elas rotulações como: "machão", "sapatão", "lésbica", etc. Isso, nos leva a reforça a ideia de como o modelo de gênero ainda está bastante arraigado na região pesquisada.

A diferença de tratamento e oportunidades entre homens e mulheres no futsal em Sumé-PB, reflete uma realidade de desigualdade de gênero ainda presente em muitas comunidades do Brasil. Apesar dos avanços nas discussões sobre patrimônio no esporte, as jogadores de futsal em Sumé PB enfrentam desafios significativos, desde o acesso a recursos até a valorização de suas conquistas. Esses obstáculos evidenciam uma disparidade que vai além das quadras e toca nas estruturas sociais e culturais que ainda existe no esporte feminino.

Uma das principais diferenças entre o futsal masculino e o feminino em Sumé PB é o acesso a infraestrutura e recursos. Historicamente, os times masculinos têm maior facilidade em garantir horários de treino em quadras públicas, além de acesso a equipamentos em melhores condições. Em muitas situações, os homens têm preferência para usar os principais ginásios da cidade, e os horários mais convenientes costumam ser reservados para eles, deixando os horários femininos com opções limitadas de treinos e horários.

Os materiais esportivos, como bolas, uniformes e equipamentos de proteção, também refletem essa desigualdade. Enquanto os times masculinos costumam ter apoio para conseguir equipamentos novos e de qualidade, os times femininos muitas vezes precisam se contentar com materiais reutilizados ou menos adequados. Essa disparidade no suporte básico afeta diretamente o desenvolvimento do talento das jogadoras, que enfrenta maiores dificuldades para se aprimorar e competir em torneios.

O preconceito de gênero também desempenha um papel importante na disparidade entre homens e mulheres no futsal em Sumé-PB. As meninas que praticam futsal enfrentam comentários depreciativos que questionam sua capacidade e sua "feminilidade" por se dedicarem a um esporte tipicamente associado aos homens. Muitos ainda enxergam o futsal como uma atividade voltada para homens, o que gera uma pressão social para que elas abandonem o esporte ou o pratiquem como hobby, e não como algo sério.

Enquanto os meninos são incentivados desde cedo a investir no futsal como uma carreira possível ou como uma atividade reconhecida e valorizada, as meninas frequentemente enfrentam resistência da própria família e da comunidade. Essa desvalorização reflete uma estrutura social que reforça estereótipos de gênero, limitando as oportunidades das mulheres no esporte e criando um ambiente em que elas precisam provar constantemente seu valor.

Além do preconceito social e da falta de visibilidade, as jogadoras de futsal em Sumé também enfrentam a ausência de apoio institucional. Escolas e projetos esportivos locais muitas vezes direcionam mais esforços e recursos para o desenvolvimento dos times masculinos, com treinadores dedicados, programas de treinamento mais estruturados e maior participação em campeonatos. O futsal feminino raramente recebem o mesmo nível.

Essa disparidade institucional afeta diretamente o desenvolvimento do esporte feminino, as jogadoras têm menos chances de aprimorar suas habilidades e competir em campeonatos de maior prestígio. O ciclo se perpetua, com o futsal masculino recebendo mais apoio e, conseqüentemente, mais resultados, enquanto o feminino luta para conquistar o espaço e os recursos que merece.

Embora o cenário seja desafiador, há sinais de mudança. Em Sumé-PB, as iniciativas para promover o futsal feminino vêm crescendo, com mais meninas se interessando pelo esporte e buscando espaços para treinar e competir. Projetos comunitários e campeonatos locais exclusivamente femininos foram organizados para dar mais visibilidade aos atletas, e as jogadoras com determinação para continuar e quebrar barreiras, desmistificando estereótipos.

Para que essa desigualdade seja superada, é essencial que haja uma mudança de mentalidade tanto nas instituições quanto na comunidade. O reconhecimento de que as mulheres merecem as mesmas condições de treino, infraestrutura e apoio que os homens são fundamentais para que o futsal feminino floresça em Sumé. Mais para isso, é necessário criar espaços seguros e incentivadores para que as meninas se sintam acolhidas no esporte e possam desenvolver seu talento sem enfrentar preconceitos.

A diferença de tratamento entre homens e mulheres no futsal em Sumé-PB, é um reflexo das desigualdades mais amplas que ainda permeiam o esporte no Brasil. A falta de recursos, visibilidade e apoio institucional limitam o potencial das jogadoras e reforçam estereótipos de gênero. No entanto, a resistência e a paixão das atletas mostram que a luta pela igualdade no futsal está longe de ser perdida.

Para entender a diversidade das experiências humanas em relação ao gênero é fundamental entender o conceito de identidade de gênero. Em termos simples, identidade de gênero refere-se à percepção interna e individual que uma pessoa tem de si mesma como homem, mulher, ambos ou nenhum, podendo ou não corresponder ao sexo atribuído ao nascimento. Este fenômeno vai além de uma classificação binária tradicional, abrindo espaço para uma compreensão mais ampla e inclusiva de vivências humanas.

Historicamente, as sociedades ocidentais tendiam a classificar o gênero como binário, limitando-o a dois polos opostos: masculino e feminino, alinhados diretamente com o sexo biológico (masculino = homem e feminino = mulher). No entanto, ao longo das últimas décadas, movimentos sociais e estudos acadêmicos

têm desconstruído essa visão, destacando que a identidade de gênero é, em grande parte, uma construção social e não apenas uma questão biológica.

A partir dessa desconstrução, surgem identidades como a de pessoas transgênero, que não se identificam com o gênero atribuído ao nascimento, e de pessoas não binárias, que não se sentem representadas pelos gêneros exclusivamente masculino ou feminino.

O reconhecimento dessas identidades é um passo importante para a garantia de direitos e inclusão social, mas ainda enfrenta desafios significativos em diversas esferas, como no ambiente escolar, profissional e na saúde pública.

O entendimento sobre identidade de gênero está diretamente atrelado a conceitos como, expressão de gênero e orientação sexual, que, embora sejam relacionados, são distintos. Expressão de gênero diz respeito à forma como uma pessoa manifesta o seu gênero no mundo, por meio de vestimentas, comportamentos e outros aspectos visíveis. Já a orientação sexual refere-se à atração física, emocional ou romântica que uma pessoa sente em relação a outras

Na academia, o estudo sobre identidade de gênero está fortemente relacionado aos campos da sociologia, psicologia e estudos de gênero. Pesquisadores analisam como diferentes sociedades moldam e regulamentam as normas de gênero, além de investigar as implicações psicológicas e sociais para indivíduos cuja identidade de gênero não corresponde às expectativas normativas. Além disso, há um foco crescente na importância de criar ambientes inclusivos que respeitem e valorizem essa diversidade.

Pensando além da teoria a identidade de gênero tem implicações diretas no cotidiano de muitas pessoas, que enfrentam desafios relacionados à aceitação social, à discriminação e à validação de suas identidades. As políticas públicas também têm um papel crucial nesse contexto, pois o reconhecimento legal da identidade de gênero como o direito de pessoas trans mudarem o nome e o gênero em documentos oficiais tem sido um passo significativo em muitos países, embora ainda exista uma longa jornada para garantir a equidade de direitos.

Outro conceito importante para se abordar é sobre classe e raça. O conceito de **classe** está relacionado a uma estrutura social que divide as pessoas com base em sua posição econômica, poder e status dentro de uma sociedade. A teoria das classes, especialmente influenciada pelo pensamento de Karl Marx, define as

classes sociais como grupos com acesso desigual aos recursos e meios de produção.

Para Marx, a sociedade capitalista está dividida em duas classes principais: a burguesia, que detém o controle dos meios de produção, e o proletariado, que vende sua força de trabalho. A luta de classes, segundo essa perspectiva, é o motor das transformações sociais, onde os interesses antagônicos dessas classes geram conflitos que podem levar a mudanças estruturais.

Já o conceito de raça é um construto social usado para categorizar e diferenciar as pessoas com base em características físicas, como cor de pele, formato de rosto e outros traços fenotípicos. Historicamente, esse conceito foi utilizado para justificar práticas de exploração, discriminação e violência, especialmente durante o colonialismo e a escravidão. Embora não exista uma base científica sólida para a divisão da humanidade em raças biológicas, a ideia de raça tem profundas implicações sociais e políticas.

Outro ponto é o conceito de interseccionalidade refere-se a uma abordagem teórica e analítica que busca compreender como diferentes formas de opressão, discriminação e desigualdade se interrelacionam e se sobrepõem. Criado pela jurista e teórica feminista Kimberlé Crenshaw na década de 1980, o termo foi inicialmente utilizado para descrever a experiência de mulheres negras, que enfrentam tanto o racismo quanto o sexismo de forma interligada, e que não podem ser compreendidas de maneira isolada.

A interseccionalidade considera que as identidades sociais de um indivíduo como gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência, idade e outros fatores estão entrelaçadas, e que essas interseções podem criar formas únicas de marginalização ou privilégio. Por exemplo, uma mulher negra pobre enfrentará desafios diferentes de uma mulher branca rica ou de um homem negro pobre, pois suas identidades combinam diferentes eixos de opressão.

Esse conceito tem sido amplamente utilizado em diversos campos, como direitos humanos e movimentos sociais. Ele é fundamental para analisar a complexidade das desigualdades sociais, promovendo uma visão mais inclusiva e multifacetada das injustiças, que leva em conta as diferentes experiências de vida que resultam da intersecção de múltiplas identidades.

A pesquisa em questão tem o objetivo, analisar no futsal feminino na cidade de

Sumé, observando as dificuldades e vivência das mulheres na prática do esporte. Pensando em teorias, ideias e autores que falam e abordam esse tema em questão podemos apresentar alguns.

No artigo intitulado: Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman há reflexões a respeito das mulheres no esporte “As práticas esportivas femininas refreadas ou encorajadas tão logo se tornaram um assunto de Estado. A influência do poder político sobre a esfera esportiva determinou, especialmente por meio do Decreto-Lei 3.199/4^a - que então regulamentava e estabelecia as bases legais de organização do desporto no país -, que as mulheres estavam expressamente “desaconselhadas” de praticarem atividades que não fossem adequadas à sua natureza” (Salvini L, et.al, 2015, p.559).

Com essa reflexão é possível perceber a dificuldade, obstáculos, pensamentos e opiniões preconceituosas que as mulheres enfrentam na prática do esporte e o racismo estrutural que infelizmente as mulheres sofrem em todas as áreas da sua via pessoal, social e profissional.

Por estigma e representações estigmatizantes no contexto do futebol feminino brasileiro, entendemos, em conformidade com Goffman, que os mesmos se constroem pela ausência de caracteres socialmente aceitos e entendidos como de feminilidade nessa prática (tais como: graciosidade, ações delicadas, cuidados de beleza etc.). Esse estigma, por sua vez, promove em indivíduos desinformados, preconceitos de cunho sexista frente às mulheres que praticam esse esporte, de modo que as atletas jogadoras de futebol, somente pelo fato de praticarem essa modalidade passam a ser automaticamente caracterizadas como desacreditáveis do seu papel feminino” (Salvini L, et.al, 2015, p.561).

Isso nos faz refletir sobre as situações e características que as mulheres são colocadas e estigmatizadas no seu dia a dia, onde muitos tem opiniões machistas e preconceituosas, que determinados comportamentos, profissões e pensamentos são unicamente de mulheres e pudessem ser feitos somente pelas mulheres e elas não podem ser ou fazer nada que seja diferente disso pra serem respeitadas e valorizadas.

Sobre a ideia de pesquisar a mulher no esporte e abordando questões epistemológicas sobre o fazer historiográficos, (Goellner, 2007):

“Identificada, por vezes, como parte do que se poderia dizer de uma historiografia dos excluídos, o campo acadêmico “História das Mulheres” buscou se diferenciar da historiografia oficial que, de certa maneira, ao abordar a História dos homens como da espécie e não do gênero, acabou por cunhar a memória da humanidade e sua História a partir do masculino” (Goller, 2007, p.175)

Com isso se pode perceber que presença das mulheres no esporte é algo que infelizmente ainda tem bastante resistência por parte estudos acadêmicos sobre esse tema uma vez que a pratica e participações dentro do esporte é vista e aceita para os homens do que para as mulheres.

Em relação ao preconceito do futsal e do futebol feminino nas revistas brasileiras de acordo com Tamashiro, Galatti, 2018 “no Brasil a prática do futsal feminino foi oficializada em 08/01/1983 pelo extinto Conselho Nacional de Desportos (CND). Para Santana e Reis (2003), a prática do futsal feminino foi autorizada pela FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) em 23 de abril de 1983”.

O futsal e o futebol feminino são modalidades que há pouco tempo tiveram a sua prática oficializada, somente no final do século XX e, por não serem práticas valorizadas, possuem poucos estudos apresentados na literatura.

A modalidade de futsal feminina era alvo de intenso preconceito, o que gerou a sua proibição durante a década de 40. Somente em 1981 se tem no Brasil a oficialização da modalidade, e em seguida a sua regulamentação como esporte em 11/04/1983, pelo extinto Conselho Nacional de Desportos (CND). A partir desse fato, a modalidade passou um período de intenso crescimento de equipes no país e ao redor do mundo. Tamanho foi o crescimento, que em 1991 foi organizada a primeira Copa do Mundo pela FIFA.

Outro fator importante que se associa diretamente ao lento desenvolvimento do esporte feminino no Brasil, é o histórico de leis, como exemplo a lei de 14 de abril de 1941“DL no 3.199, artigo 54” que proibia as mulheres de praticarem esportes inadequados a sua natureza. Essa conjuntura pode ter contribuído para a construção de preconceito de gênero contra a mulher em relação ao futebol e, por extensão, ao futsal no Brasil. Esses fatores atuam dificultando a inserção e aceitação das mulheres no futsal como exemplifica (Santana, 2003), denotando um quadro de iniciação tardia contrapondo a especialização precoce corriqueira nos meninos (Morales Júnior e colaboradores, 2017.).

Isso nos mostrar que essa luta por valorização e reconhecimento das mulheres

no esporte não é recente já vem de muitos anos e nos faz refletir, em como as mulheres muitas vezes são diminuídas e desrespeitadas e proibidas de fazer algo, só pelo o fato de serem mulheres e serem consideradas incapazes algo diferente do que a sociedade espera e aceita.

Do futebol nacional, ainda considerado como uma reserva masculina, ideia reforçada pela medicina e pela biologia que consideravam sua prática imprópria para mulheres, uma das estratégias forjadas com base nas convenções sociais foi definir a mulher praticante de futebol como lésbica, ou seja, fora dos padrões da normalidade sexual, como forma pejorativa de identificá-la, estigmatizando e rotulando historicamente essas jogadoras (Moraes, 2012).

Gênero pode ser considerado como uma construção social do sexo biológico e refere-se aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a cultura coloca sobre um corpo de homem ou de mulher. Feminilidade e masculinidade se definem sem a existência de uma essência a priori, mas sim produzidos pela cultura (Goellner, 2007).

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob o domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (Goellner 2005, p. 92).

Para iniciarem essa prática, muitas vezes tiveram que fazê-la driblando o impedimento dos pais, que consideravam o futebol uma atividade eminentemente masculina. Assim, as meninas logo tiveram que se acostumar ao codinome macho-feme, termo usual nessas cidades baianas, que se refere às meninas/os que são um misto de mulher-homem/ homem-mulher (Moraes, 2012, p. 24)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões e análises realizadas ao longo deste trabalho evidenciam que, embora o futsal feminino em Sumé PB tenha conquistado avanços nas últimas décadas, ainda enfrenta desafios estruturais, culturais e sociais que limitam o pleno desenvolvimento das atletas.

Os relatos das atletas evidenciaram a importância do apoio institucional e comunitário para a promoção da igualdade de oportunidades no futsal, apontando para a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e de uma maior conscientização social quanto à valorização das mulheres no esporte.

A pesquisa relevou que a falta de visibilidade e o apoio institucional limitado são obstáculos persistentes que dificultam o desenvolvimento das atletas e o crescimento do futsal feminino na cidade. Além disso, pode perceber também a carência de infraestrutura para as mulheres, fator que restringem seu acesso à prática regular do esporte.

E também o papel fundamental das iniciativas locais, como projetos comunitários e o engajamento de líderes esportivos, que buscam fomentar a inclusão feminina no futsal. Esses esforços demonstram que, mesmo diante das adversidades, há um movimento crescente de apoio à participação das mulheres no esporte, impulsionado pelo interesse dos jovens e pela demanda por igualdade.

Concluo que, para que o futsal feminino em Sumé PB atinja seu pleno potencial, é necessário um compromisso contínuo das instituições educacionais, do poder público e da sociedade em geral. Investir na criação de políticas públicas externas ao esporte feminino, na melhoria das condições de treinamento e na promoção de competições regulares são passos fundamentais para garantir cada vez mais a participação das mulheres no esporte.

Em suma, esta pesquisa reafirma a importância de ampliar o debate sobre a participação das mulheres no futsal e sugere que, com o apoio adequado, é possível transformar o cenário atual, proporcionando às atletas o reconhecimento e as oportunidades que elas merecem.

Por fim, espero que esta pesquisa possa realmente contribuir e que ela possa despertar maior interesse de todos para o debate sobre a participação feminina no esporte, especialmente no contexto local, e inspire futuras pesquisas e ações que fortaleçam o futsal feminino em Sumé PB e em outras cidades do interior.

REFERENCIAS

MASCARIN, Rafaela Bevilaqua; OLIVEIRA, Flávia Volta Cortes de; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues.. Feminilidade e Preconceito de Gênero no Futsal: Uma perspectiva de atletas brasileiras. **Fluxos e Riscos**. Lisboa., v. II, ed. 2, 22 fev. 2017. Acesso em: 12.out.2023

Goellner, S.V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, 2005. 143-51. Acesso em: 09. out. 2023

SALVINI, Leila et al. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman, **Rev BrasEduc Fís Esporte**, 29 out. 2015. Acesso em: 11 out. 2023.

GOELLNER, Silvana. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**. v. 13, n. 2, 2007. p. 171-196, 16 maio 2007. Acesso em: 12. out.2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/movimento/article/view/3554>

TAMASHIRO, Lucas; GALATTI, Larissa. Preconceito no futsal e futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão. **Revista brasileira de futsal e futebol**, ano 2018, v. 10, n. 41, p. 795-799, 4 dez. 2018. Acesso 12.out, 2023

SILVEIRA, Raquel *et al.* Jogando com as feminilidades. Um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre, **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, ano 2013, v. 35, ed. I, p. 179- 194, 23 jan. 2013. Acesso 30 out. 2023

MORAES, Enny Vieira. As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990). 2012. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Acesso 30 out.2023. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12739>